



**A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL MODELO EM
ARAGUAÍNA – TO**

**THE IMPORTANCE OF THE CATEGORY PLACE IN GEOGRAPHY EDUCATION: A
CASE STUDY IN THE MODEL STATE SCHOOL IN ARAGUAÍNA _ TO**

Raquel Almeida Mendes – UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil
almeidamendesraquel@gmail.com

Elaine da Silva Sousa– UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil
elainesousa94@mail.uft.edu.br

Aires José Pereira– UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil
airesuft@gmail.com

RESUMO:

Neste trabalho pretendemos realizar um estudo sobre o ensino de Geografia a partir da categoria de análise Lugar na Escola Estadual Modelo, estabelecendo uma prática reflexiva na construção dos saberes geográficos como consequência de uma visibilização do Lugar dos estudantes em sala de aula. Para a elaboração deste trabalho foi feita uma revisão bibliográfica de estudiosos da temática supracitada, aplicação de questionários para estudantes e professores e a realização de oficinas sobre a percepção do lugar por meios dos quatro sentidos, instituindo as oficinas por meio das geografias do cheiro, tato, visão e audição. As oficinas possibilitaram uma compreensão quanto às noções espaciais dos alunos, demonstrando a eficácia de compartilhar e considerar como ponto de partida a realidade referente ao Lugar dos estudantes para a construção de conhecimentos e a subjetividade de captar os conteúdos a partir da ótica no qual os discentes estão familiarizados. Apresentar em sala de aula as experiências e vivências espaciais geradas pelo contato diário do Lugar possibilita uma concepção geográfica significativa aos estudantes.

Palavas-chave: Ensino; Geografia; Lugar.

ABSTRACT:

In this work we intend to carry out a study on the teaching of Geography from the category of Place Analysis

in the Model State School, establishing a reflexive practice in the construction of geographic knowledge as a consequence of a visualization of the Place of the students in the classroom. For the preparation of this work, a bibliographical review of the aforementioned subjects was carried out, questionnaires were applied to students and teachers and workshops were held on the perception of the place by means of the four senses, instituting the workshops through the geographies of smell, touch, Vision and hearing. The workshops allowed an understanding of the spatial notions of students, demonstrating the effectiveness of sharing and considering as a starting point the reality regarding the Place of the students for the construction of knowledge and the subjectivity of capturing the contents from the perspective in which the students Are familiar. Presenting in the classroom the experiences and spatial experiences generated by the daily contact of the Place allows a significant geographical conception to the students.

Key words: Teaching; Geography; Place.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia é um elemento essencial no currículo da educação básica e permeia por várias reflexões quanto as suas práticas e os métodos utilizados, dentre elas podemos destacar a busca por um ensino geográfico cada vez mais próximo a realidade sócio espacial dos alunos, ou seja, uma aproximação das vivências e do cotidiano dos estudantes tomando como ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico em sala de aula.

Sendo assim, torna-se fundamental o ensino e a inclusão da categoria 'Lugar' no meio escolar como forma de trazer os estudantes para uma ciência geográfica mais próxima de sua realidade, haja vista que estudar uma realidade conhecida torna-se um agente facilitador no processo de aprendizagem além de instigar os mesmos a refletir sobre o meio que estão inseridos (CASTELLAR, 2000, p.32).

O ensino da categoria Lugar na ciência geográfica nos remete a uma formação de alunos que aprendem desde muito cedo a terem noções espaciais concretas quanto ao lugar que ele está inserido e as suas implicações sociais, culturais, entre outras. Este aprende a noção do valor simbólico presente em cada lugar. O ensino dessa categoria traz uma nova perspectiva aos discentes, podendo despertar-lhes para novas descobertas fazendo com que o estudante torne-se um protagonista na aprendizagem geográfica.

Tecer uma relação intrínseca entre os saberes já adquiridos pelo aluno a partir do meio em que este se encontra inserido e os saberes geográficos a serem obtidos na escola são de fundamental importância para a eficácia da educação geográfica. Tratar esses saberes como irrelevantes é apresentar aos discentes apenas um espaço neutro que pouco interfere na sua vivência e colocá-los na posição de meros expectadores deste espaço desconhecido.

Partindo desse pressuposto podemos compreender que:

O lugar próximo é oferecido como leitura inicial, pois o entendimento do contexto do aluno, de como ele se vê, como se reconhece neste lugar, como reconhece os outros, é o primeiro passo para que compreenda outros elementos identitários, em diferentes escalas geográficas (COSTELLA; SHAFFER, 2012, p. 65).

Estudar o lugar é compreender as implicações sociais, culturais e econômicas de um determinado grupo, é conhecer a si mesmo e as relações espaciais até então estabelecidas pelos sujeitos. A partir do lugar é possível aprender as mais diversas escalas geográficas entre o mundo e o indivíduo. O cotidiano é essencial, o ensino da categoria 'lugar' não deve ser visto apenas como um conteúdo geográfico, mas uma vivência importante a ser destacada pelos estudantes a partir das afetividades e simbolismos de cada um.

A Geografia deve sobre tudo possibilitar que o 'lugar' onde os alunos vivem também seja visto em sala como um objeto do conhecimento geográfico, reconhecendo dessa maneira a dimensão do vivido como parte das propostas didáticas do ensino de Geografia e permitindo que através do lugar estes possam compreender o mundo e suas complexidades (NASCIMENTO, 2012, p.26).

A partir da Geografia humanista é possível enxergar o 'Lugar' para além do sentido de localização, este passa a ser visto como algo atrelado às subjetividades da experiência humana, tornando-se uma categoria de grandes discussões na Geografia a partir de teóricos humanistas tais como Yi-Fu Tuan que aborda o lugar como categoria que nos permite compreender o mundo a partir de vivências reais e conhecidas das realidades no qual estamos inseridos.

Segundo Tuan (1983), há no Lugar uma sensação de pertencimento, é no lugar que obtemos estabilidade e segurança. As experiências com o lugar podem trazer conforto ou desconforto, afetividade ou repulsa, atração ou negação, isso possibilitou ao autor a elaboração dos conceitos topofilia e topofobia.

O presente trabalho pretende analisar o ensino de geografia no Colégio Estadual Modelo no âmbito da categoria Lugar, igualmente as metodologias adotadas pelos docentes da unidade escolar, realizando um diagnóstico do ponto de vista metodológico bem como proposições didáticas a partir da realização de oficinas, com o objetivo de inserir a discussão do 'Lugar' e das vivências do alunado em sala de aula.

As metodologias adotadas para a produção do trabalho foram embasadas no estudo de caso quanto ao ensino da categoria 'Lugar' na Escola Estadual Modelo, o

estudo foi realizado a partir de questionários e entrevistas com os professores indagando-os quanto à presença ou ausência das abordagens necessárias quanto ao 'lugar'. Para a realização deste trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a área do estudo na perspectiva de aperfeiçoamento da pesquisa tomando-o como embasamento teórico e também foram realizadas atividades com os alunos no formato de oficinas com o objetivo de auxiliar e propor métodos de trabalhar com a categoria lugar em sala de aula, assim como foram aplicados questionários aos alunos/alunas como forma de analisar o êxito das mesmas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA LUGAR

A relevância da categoria Lugar dar-se-á na medida em que é a partir dele que os indivíduos conseguem estreitar laços com o espaço vivido, bem como entender os fatos históricos e as demais situações ali recorrentes. O Lugar permite uma ampla visão dos fenômenos, tendo em vista que as noções espaciais tornam-se mais eficazes quando tomam como ponto de partida os lugares, ou seja, onde ocorrem as vivências cotidianas e experiências simbólicas. Segundo Milton Santos, “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar (SANTOS, 2005, p. 161)”. Sendo assim o autor destaca os vários eventos que cada vez mais tem ultrapassado os limites locais, estes repercutem e materializam-se no lugar, sendo este já nomeado como depósito final dos eventos.

Sendo assim, tomando como base o autor Zech Relph em sua obra intitulada *As bases fenomenológicas da Geografia*, podemos constatar que:

[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979, p. 156).

O Lugar apresenta-se como uma maneira de compreender a complexidade do mundo que apenas pode ser percebido na prática e na vivência dos lugares. O renomado teórico Milton Santos ressalta que:

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2005, p. 158).

O Lugar como categoria de análise da Geografia já apresentou diversas

concepções de acordo com as correntes teóricas adotadas. Na Geografia Tradicional atrelada ao positivismo é possível apreender o lugar como um conceito semelhante ao de região e localização geográfica, com poucas abordagens voltadas para a interação sociedade e natureza. Quando a abordagem humanística da Geografia passa a estudar o Lugar, os conceitos somados a esta categoria passam a apresentar o viés da interação entre o homem e o meio associadas à fenomenologia e ao existencialismo, retratando uma grande modificação do lugar que agora remete as percepções e experiências simbólicas dos sujeitos (BUTTNER, 1982).

O conceito de Lugar foi utilizado de maneira errônea e sem aprofundamento até o momento em que a corrente geográfica humanista na década de 70 passou a utilizá-lo como conceito de extrema importância para os estudos geográficos.

As singularidades e os simbolismos são traços característicos do Lugar, as individualidades de cada sujeito sempre são evidenciadas quando se trata da categoria supracitada. Os fatos históricos e culturais são fundamentados nas experiências marcadas pela prática do cotidiano e os vínculos afetivos que cada lugar apresenta, tendo em conta as subjetividades do espaço vivido que podem resultar em sentimentos de pertencimento ao lugar, também nomeado como topofilia, ou de repulsa, conhecido como topofobia, termo apresentado pelo teórico da Geografia humanística, Yi-Fu-Tuan.

O sentimento topofílico segundo Tuan (1983) consiste numa forte ligação entre a pessoa e o ambiente físico denominado como lugar, esse elo surgirá como resultado das experiências geradas entre os sujeitos e os lugares unidos ao fator temporal, haja vista que esse sentimento não acontece instantaneamente, demanda tempo para a construção do espaço vivido, para que um espaço seja constituído como lugar, estabelecendo dessa maneira uma relação mais profunda e significativa.

Dessa forma, Relph (1979) apud Nascimento (2012) também contribui para uma compreensão do lugar, deliberando-o da seguinte maneira:

Topofilia é um sentimento direcionado para o lar, para o que é confortável, detalhado, diverso e ambíguo sem confusão e tensão; envolve experiências estáticas dos lugares naturais e construídos pelo homem e os apelos mais persistentes e persuasivos de ambientes atrativos, como litorais e paisagens centrais. Em resumo, topofilia inclui qualquer coisa dos ambientes que nos faça senti-los como estar nos relaxando ou estimulando, e tudo que nas nossas atitudes ou costumes nos capacite a experimentar locais como dando-nos prazer (RELPH, 1979 apud NASCIMENTO, 2012, p.31).

Sendo assim, no que concerne a topofilia podemos constatar que é uma ligação dotada de afetividade e pertencimento, nesta tem-se o desejo de permanecer no

ambiente e este sempre representará boas sensações aos indivíduos que o pertencem. Enquanto que na topofobia temos um forte ideal de repulsa como consequência de experiências ruins e desagradáveis, os sentimentos que permeiam, assim como as lembranças são de negatividade e tristeza, retratando um momento de conflito e desajuste emocional a um determinado lugar (RELPH, 1979).

É notório destacar que espaço e lugar são termos distintos, o primeiro remete a algo mais amplo e, sobretudo abstrato, alguns estudiosos associam a palavra 'liberdade' quando se trata do espaço, enquanto que o lugar em sua concretude surge como resultado do estabelecimento de relações com o espaço que inicialmente é visto de forma indiferente e depois pode configurar-se como lugar, quando este deixa de ser um meio desconhecido e passa a ter sentido e significância. Para Tuan (1983, p.83) "quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar", confirmando essa relação intrínseca entre as duas categorias.

Edward Relph ressalva que "O espaço é amorfo e intangível e não uma entidade que possa ser diretamente descrita e analisada. Contudo, [...] ele está sempre próximo e associado ao sentido ou conceito de lugar" (RELPH, 1976, p.8).

O Lugar gera laços tão essenciais para os seres que estes passam a se identificar a partir dele, a afetividade e o pertencimento resultam na configuração da identidade de cada residente como membros de um determinado grupo social. O interesse da ciência geográfica pelo Lugar em grande parte se dá justamente pela busca das relações identitárias entre os sujeitos e o espaço que estes habitam e se relacionam, gerando as mais diversas experiências socioespaciais.

As experiências são dotadas de sentimentos e pensamentos sobre uma determinada coisa, neste caso se trata do lugar e das representações simbólicas que este lugar gera aos indivíduos. A experiência retrata uma ação passiva, algo que os sujeitos recebem, suportam ou até mesmo sofrem, porque estas geram diversos ensinamentos de suma importância. De acordo com Yi-Fu-Tuan (1983):

Assim a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p.10).

Os sentidos são agentes facilitadores das experiências, através do paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição, somada as nossas noções espacializantes, é

possível termos conhecimento do espaço e dos objetos presentes ao nosso redor, há um enriquecimento das nossas apreensões de caráter espaciais.

Essa soma de experiências, sensações, sentimentos e subjetividades são características da categoria Lugar que dotada de singularidades representam os aspectos históricos, culturais e sociais dos sujeitos em relação ao seu Lugar. Pensar o Lugar como prática cotidiana e plano vivido é entender que este representa uma articulação entre a escala mundial e a escala local, a partir das eventualidades do espaço vivido compreendemos outros espaços. O lugar evidencia o espaço quando ocorre a inserção das experiências e ações humanas, tendo em vista que essas ações desde as mais banais reverberam no lugar ou são influenciadas por tal.

A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA LUGAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A categoria lugar no ensino de Geografia torna-se essencial para uma maior eficácia no processo de ensino das noções espaciais tendo em vista que cada estudante carrega uma bagagem de vivências sócio-espaciais, vivências estas adquiridas no lugar em que eles se encontram inseridos. Estas experiências devem ser trazidas a tona na sala de aula, as mesmas devem servir como ponto de partida para a construção dos saberes geográficos. O Lugar nos permite abordagens mais amplas, a partir dessa categoria é possível discutir temáticas culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas, dentre outras, tendo em vista que no Lugar há uma interação de todas essas questões que ali reverberam.

O ensino de Geografia por meio do Lugar gera grandes contribuições na formação de estudantes dotados de uma aprendizagem significativa, afinal trata-se de um conhecimento vinculado a uma realidade que este se encontra inserido, uma aprendizagem baseada na prática cotidiana, no espaço vivido, levando os estudantes a conhecerem aquilo que está em seu entorno e no qual ele/ela se depara cotidianamente.

Posto isto, Lisângela Nascimento em sua tese sobre o Lugar no ensino de Geografia pode examinar que:

[...] a escola é o principal espaço onde, por meio das intencionalidades do professor, o mundo – para além da casa, do bairro e da cidade – é apresentado aos alunos. É a escola também que contribui (ou poderia contribuir) para ampliar a compreensão desse mundo. A Geografia, neste contexto, ocupa um lugar privilegiado porque é um campo científico e disciplinar que possibilita a compreensão da relação entre o

mundo vivido do aluno e o mundo distante (NASCIMENTO, 2012, p.18).

A ciência geográfica deve, sobretudo, possibilitar essa interação entre escala local e global, os professores da área devem utilizar-se da categoria lugar para uma construção de saberes relevantes as realidades dos estudantes, haja vista que em grande parte de nossas vidas somos levados a querer conhecer lugares longínquos e recuados do nosso cotidiano, levando-nos a subjugar os acontecimentos e as demandas do lugar em que vivemos, tornando-nos pouco conhecedores do ambiente no qual estamos inseridos (CALLAI, 2004). É necessário que o lugar onde os alunos (as) vivem tornem-se objeto de estudo e seja de fato utilizado como método de ensino nas aulas de Geografia da educação básica.

Os livros didáticos ainda que bastante planejados para que se tornem um objeto de grande auxílio aos alunos e professores ainda apresenta uma vivência aquém do alunado, representando muito mais um material didático que apresenta diversos lugares do planeta e reforçando a premissa de que o local ainda não é estimado como proposta didática e/ou conteúdo escolar, o lugar ainda não visto como uma grande fonte de conhecimento para o ensino de Geografia. Dessa forma, o docente que pauta suas aulas exclusivamente pelo livro didático restringirá o/a aluno (a) a uma vivência distante do seu cotidiano, o lugar para este/esta estudante será apreendido de forma especulativa e abstrata (NASCIMENTO, 2012).

Apreender as especificidades do lugar e a sua relevância na formação de cidadãos conhecedores das dinâmicas e demandas do espaço vivido deve ser fator determinante no ensino de Geografia. A estudiosa Helena Callai destaca que:

Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas em um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independentemente (CALLAI, 2000, p.72).

A construção do conhecimento geográfico articulado nas mais diversas conjunturas, bem como na interação entre as escalas global e local só se dá a partir da categoria lugar e do entendimento de que apenas conseguimos compreender de forma eficaz o espaço global se construirmos experiências no espaço cotidiano, no Lugar. Nesse sentido é importante frisar que: “hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2008,

p.161).

Os saberes geográficos passam a ser elaborados não apenas pelos docentes, mas também pelos estudantes quando a categoria lugar é tomada como base, tendo em vista que as abordagens adotadas serão de espaços repletos de reconhecimento e experiência por parte dos discentes que dessa maneira compreenderam melhor as proposições feitas em sala e poderão contribuir com as suas experiências do Lugar, o protagonismo do/da aluno/aluna é trazido à tona, pois não se trata de um espaço estranho, mas de um lugar no qual estes convivem e se deparam cotidianamente.

De acordo com a revisão bibliográfica para a feitura deste trabalho:

A Geografia, ao proporcionar novas leituras do espaço vivido cotidianamente, é um poderoso instrumento para a construção da cidadania ao fortalecer a identidade através da valorização do Lugar e da compreensão da articulação deste com o espaço global (AIGNER, 2006, p.211).

Dessa forma é notório destacar que a ciência Geográfica busca estabelecer relações entre questões de natureza física, teórico e, sobretudo social, o ser humano como fator determinante na construção do espaço geográfico utiliza-se das técnicas gerando transformações no meio em que se encontra, estabelecendo elos de identidade e pertencimento ao Lugar. Os sujeitos da sociedade são os responsáveis por transformar o espaço natural (geográfico) em espaço social, um meio pelo qual serão constituídas relações políticas, econômicas, étnico-raciais, culturais e outras temáticas de suma importância na inter-relação sociedade e natureza, homem e meio, destacando que cada sociedade apresenta especificidades na maneira de se apropriar e se relacionar com o ambiente vivido (SANTOS, 2010).

Torna-se um grande desafio para a Geografia possibilitar a formação de sujeitos cientes da sua realidade nas mais diversas instâncias da sociedade. De acordo com Laudenides Santos (2010, p.33): “[...] o ensino de Geografia têm esse papel fundamental. A formação de alunos cidadãos passa, necessariamente, pela compreensão/apreensão da realidade do meio sócio-espacial do qual fazem parte [...]”, ou seja, o Lugar como ponto de partida para o entendimento das dinâmicas e demandas globais, este servirá como pauta de apoio e como embasamento para a compreensão do espaço desconhecido.

As vivências socioespaciais dos/das estudantes não devem ser vilipendiadas, estas experiências colecionadas no decorrer da vida e do cotidiano torna-se de grande

importância na construção dos saberes geográficos, os estudantes poderão a partir das experiências criarem vínculos com as teorias ensinadas na escola, vínculos de uma geograficidade próxima e real.

Estudar em sala de aula o lugar como objeto de estudo e fonte de conhecimento faz com que cada vez mais os discentes tornem-se sujeitos inseridos no espaço de forma consciente, como agentes ativos na transformação do meio em que vivem, cientes de que estes na medida que modificam o espaço vivido também são modificados por ele. A estudiosa Lana Cavalcanti infere sobre o papel da Geografia e as suas finalidades na formação dos/das alunos/alunas no que tange a compreensão do meio em que estes se inserem:

A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes (CAVALCANTI, 2001, p.24).

Ponderar sobre o ensino de Geografia e os métodos até então utilizados é deveras importante para entendermos que tipo de viés geográfico está sendo apresentada ao alunado, uma Geografia descritiva, insípida e sem influência alguma para a formação social destes ou uma Geografia viva que reflète a realidade e as demandas desses estudantes. Questionar e meditar com frequência sobre as práticas pedagógicas é de fundamental necessidade para os docentes. Um ensino de Geografia que retrate a realidade dos educandos e que se apropria das experiências como ponto de partida para a construção do conhecimento, resultará sem dúvidas em alunos e alunas com posicionamentos críticos dotados de veracidade perante a sociedade no que concerne primeiramente o local e avançando para a escala global.

UM ESTUDO SOBRE A CATEGORIA LUGAR NA ESCOLA ESTADUAL MODELO: OFICINAS

Cada aluno/aluna é visto como um mundo a ser explorado a partir de momentos singulares que acontecem durante o percurso de suas vivências, uma vez que são estas vivências que o levam a explorar seu lugar no mesmo instante que é instigado a refletir sobre outras realidades. O ambiente escolar é um local de ampla interação que permite essa troca de conhecimentos em um momento de (des) construção e (re) construção, onde todos são levados ao mesmo tempo a determinados acontecimentos, mas que

resultam em diferentes indagações, procurando sempre sanar as curiosidades apresentadas em sala de aula.

Essa relação obtida no contexto escolar transcorre da interação entre o professor como mediador e dos alunos como protagonistas de seu próprio conhecimento, como nos afirma Castrogiovanni e Costella ao nos dizer que:

Pensamos ser a alfabetização o resultado da relação que existe entre o professor, que media o processo, o aluno que interage com o professor e com os seus colegas, e a relação de ambos com o conhecimento (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2006, p. 68).

Assim, é construída uma relação de aproximação entre ambas às partes. A escola como espaço de ensino e de construção se torna aos poucos lugar. Lugar este que traz convivências, que apresenta amigos e/ou colegas, podendo representar um ambiente de afetividade como também de repulsa.

No que tange ao processo de realização da oficina, em um primeiro momento foi realizada uma breve discussão com a docente em atividade para fins de conhecer como ocorre o ensino da categoria lugar em sala de aula na unidade escolar pesquisada, onde esta nos afirmou ter estabelecido essa troca de conhecimentos com seus alunos, uma vez que quem ensina sempre aprende durante o processo. Posteriormente, esta responde a um pequeno questionário onde, mais uma vez nos evidencia a importância do uso dos acontecimentos diários relacionados ao lugar para uma melhor abordagem durante as aulas.

A oficina foi realizada com as turmas do 6° ano “A” no período matutino e 6° ano “B” no período vespertino da unidade escolar, respectivamente. A oficina foi dividida em quatro momentos geográficos, sendo “Geografia da Música”, “Geografia da Imagem”, “Geografia do Cheiro” e “Geografia do Tato”.

Dividiu-se a sala em dois pequenos grupos, tanto no período matutino quanto no vespertino, onde um destes ficava em sala de aula trabalhando com a Geografia da música e da imagem, enquanto o outro grupo se dirigia ao pátio da unidade onde era abordada a Geografia do cheiro e do tato, simultaneamente. Ao término de todas as Geografias, os alunos que estavam em sala de aula se dirigiam ao pátio, e os outros retornavam para a sala de aula. Essa dinâmica foi realizada tanto no 6° “A” como também no 6° “B”, a fim de se obter melhor compreensão das ações desenvolvidas em cada momento da abordagem geográfica.

Na “Geografia da música”, foram apresentados diversos ritmos musicais procurando levar os discentes a outras realidades partindo de suas vivências. De acordo

com o estilo musical, ambos os alunos descreveram momentos vividos, onde retratavam lugares, pessoas, objetos e sensações. Alguns davam características bastante concretas, outros nem tanto. Em cada relação feita nota-se que é possível estabelecer uma conexão em diferentes escalas, onde o aluno/aluna mesmo sem conhecer é capaz de estabelecer ligações, no caso em estudo, um ritmo musical a um determinado lugar. Muitos fizeram conexões com os avós, com fazendas, festas tradicionais locais, com os vizinhos, com a igreja dentre outros momentos particulares, estabelecendo dessa forma uma analogia com o passado e o presente, com o local e o nacional, com o bar da esquina e a favela de São Paulo, com a antiga casa da avó e o sofrimento por um amor perdido.

Ambas as turmas fizeram conexões afetivas de acordo com a música que estava sendo ouvida, em cada momento retratado. A autora Roselane Costella menciona que “O som expressa uma espacialidade imaginativa, pois a música da forma a uma realidade; ao ouvi-la, se tem a impressão de que entramos nos fatos que a envolvem” (COSTELLA, 2008, p. 106).

Paulo Cesar Gomes, utilizado como revisão bibliográfica deste trabalho, menciona que “[...] a simples contemplação de uma imagem, constitui um veículo que nos distancia da experiência primitiva e, por isso, pode nos induzir a nos elevarmos em direção a uma posição mais abstrata” (GOMES, 2013, p. 119). Portanto, a “Geografia da imagem” faz com que os alunos se desloquem do seu estado de vivência e perpassem mesmo sendo de forma imagética para outras realidades.

Neste momento da oficina, os alunos conseguiram fazer relações nos âmbitos locais ao falar de bairros, âmbito nacional quando falam das grandes cidades, e global ao retratarem outros continentes. A Geografia da imagem foi realizada a partir da observação de cinco imagens que retratavam diferentes realidades. Os alunos foram convidados a pensarem, a imaginarem, a buscarem por fatos que lembravam cada lugar, alguns falaram de novelas, enquanto outros do ambiente vivido. É notório citar o posicionamento de um estudante ao relatar sobre uma determinada imagem apresentada durante a oficina, referente a uma casa de tábuas abandonada em um terreno baldio, nesse caso a imagem lhe trazia boas lembranças enquanto todos os outros descreveram como lugar triste, onde fizeram ligação com bairros locais.

São estabelecidas relações de topofilia e topofobia neste momento, enquanto apenas um consegue apresentar afetividade na medida em que todos os outros apresentam repulsa pelo determinado ambiente retratado. Assim também acontece quando se trata da cidade local como ambiente de vivência, alguns a colocam como um

bom lugar demonstrando afetividade, no entanto, grande parte não a tem como seu “lugar”, demonstrando o desejo de retornarem para outras cidades, para seu “lugar”, de onde se tem saudade, de onde se guarda boas lembranças e vivências insubstituíveis. Por meio das imagens, os estudantes relacionaram a vinda de escravos da África onde estes passavam por condições insalubres durante as viagens, como também ao contexto local. Portanto, por meio de diferentes olhares se tem inúmeras interpretações que não seriam possíveis em um primeiro momento, e assim se tem novas perspectivas uma vez que, segundo Becker:

O conhecimento surge da convivência de cada pessoa. Ela vai aprendendo por tudo o que você vai vivenciando, por intermédio das pessoas de sua convivência, pelos meios de comunicação, de livros, daquilo que vê, percebe e capta (BECKER, 1993, p. 25).

Fazendo assim uma ligação global que compreende uma relação temporal realizada a partir de análises de afetividade, vivências.

A “Geografia do cheiro” leva o aluno a procurar uma identificação para que se saiba o que está diante do seu olfato, neste mesmo instante seus pensamentos procuram por lembranças significativas que possam ser entrelaçadas a cada cheiro sentido. A autora Roselane Costella nos diz que:

Atividades desafiadoras que agucem a imaginação e a crença se torna uma necessidade para crer que o mundo educacional é construído em cima de (des) construções e de constantes equilibrações que propiciem a aplicabilidade do conhecimento num mundo cada vez mais próximo dos acontecimentos da sala de aula: a vida (COSTELLA, 2008, p. 106).

A vida de cada um revivida por meio dos cheiros, carregada de valores vai se refazendo contornada de momentos familiares, dos encontros acompanhados com café e melhor ainda, quando se tem um bolo quer seja preparado pela avó ou pela mãe. Lembranças que fazem homens e mulheres dotados de bons momentos fazendo uma ligação rápida com o supermercado, com os pais, com o café amargo e também, aquela viagem do fim de semana onde as frutas estavam presentes garantindo boa alimentação e boas recordações.

Quando os alunos tiveram contato direto com os objetos a partir da “Geografia do tato”, puderam lembrar das brincadeiras com os amigos vivenciadas em chácaras, fazendas. Retrataram cenários de construções, casa de seus avós, suas próprias casas, e também momentos que lhes causaram dor.

O lugar trás essa convivência a partir de afetividades onde a escola torna-se um ambiente de troca de saberes, onde cada estudante é instigado a compartilhar seus momentos singulares como uma forma de projetar seu “lugar”, onde estes relatam seus

momentos de afabilidade como também de repulsa, e assim a Geografia possibilita que cada um se (re) construa diante de cada relação espacial expressada.

CONCLUSÃO

As discussões apresentadas no presente trabalho procura demonstrar aspectos positivos que podem ser trabalhados em sala de aula a partir das vivências de cada aluno procurando estabelecer uma relação entre o local e o global, em uma escala temporal e através de momentos que cada um consegue relatar para seus colegas com mediação do professor. Assim o processo de construção do conhecimento em Geografia se faz por meio da consideração do “lugar” de origem de cada sujeito onde, segundo Costella “A sala de aula, como se constata, concentra relações de aprendizagem interessantes que fluem, muitas vezes, de situações não planejadas anteriormente, como se o professor agisse por intuição” (COSTELLA, 2008, p. 51).

A realização das oficinas por meio da “Geografia da música”, “Geografia da imagem”, “Geografia do cheiro” e “Geografia do tato” revela, em alguns momentos, que os alunos relatam espaços que muitas vezes não foram vivenciados por eles. Demonstrando que conseguem, ao serem instigados, estabelecer conexões com um “lugar” não conhecido, mas que por outros meios lhes foram expostos. Desse modo, se tem a construção do conhecimento da ciência geográfica, perpassando por fatos que construíram o passado transfigurando o presente, buscando sempre compreendê-los por meio das leituras diversas do mundo.

O aluno, portanto, se faz protagonista do seu conhecimento ao mesmo tempo em que recebe e que doa informações tanto ao seu colega quanto ao seu professor. E assim, a parte de cada um se torna um conjunto de saberes por meio de realidades diversas, contextos extremos que levam a um único objetivo por meio de um mesmo caminho: conhecimento em sala de aula. Esse conhecimento perpassa por uma série de etapas que o aluno se dispõe a viver, cabendo ao professor compreender e entender cada uma destas fases levando-os a quererem sempre mais.

Contudo, o ensino da “Geografia” por meio do lugar retrata quem somos, demonstra características comuns e particulares, opiniões iguais como também contrárias. O mundo é observado por cada aluno como um espaço a ser conhecido, explorado e no instante que o professor consegue fazer relações com aspectos emocionais de cada um, ele consegue leva-los a imaginar outros contextos, mesmo que sejam utópicos. Por fim, a escola e o professor são uniões que leva cada estudante para

um espaço geográfico simbólico particular, onde o “lugar” se faz presente por meio das singularidades que transformam o conhecimento em momentos de inúmeras descobertas ligadas ao já conhecido e vivido no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

AIGNER, C. H. DE O. Geografia e Educação Ambiental: Construindo cidadania a partir da valorização do lugar na escola municipal Professor Larry José Ribeiro Alves. In: AIGNER, C; MOLL, J; REGO, N (orgs). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor – O cotidiano da escola**.

Pétopolis: Vozes. 12. ed. 1993.

BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CALLAI, Helena Copetti. **O Lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento**. Artigo apresentado no VII Congresso Luso-Afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004. <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em 30/04/2017.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, p. 72-112, 2000.

CASTELLAR, Sônia. **A alfabetização em Geografia**. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. São Paulo: Papyrus, 2001.

COSTELLA, Roselane Zordan; SHAFFER, Neiva Otero. **A geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012. 128p.

_____. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais.**

Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, UFRGS. Porto Alegre - RS, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NASCIMENTO, Lisângela Kati do. **O lugar do Lugar no ensino de Geografia: Um estudo em escolas públicas do Vale da Ribeira – SP.** São Paulo, 2012. 265p.

RELPH, Edward. (1976): **Place and Placelessness.** London: Pion, 156 p.

RELPH, Zech C. **As bases fenomenológicas da geografia.** *Geografia*, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. **O estudo do Lugar no ensino de Geografia: os espaços cotidianos na Geografia escolar/** Laudenides Pontes dos Santos. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’. Rio Claro – SP, 2010.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao Lugar.** 1 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência:** Difel, 1983.

Raquel Almeida Mendes – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins.

Elaine da Silva Sousa – Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins.

Aires José Pereira – Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), graduação em FILOSOFIA pelo CENTRO DE TEOLOGIA APLICADA INTEGRADA (2008), graduação em BACHAREL EM TEOLOGIA - SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO APOSTÓLICA (2005) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1999). Atualmente é professor Adjunto I da Fundação Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologia Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: Araguaína - TO, Expansão Urbana de Tangará da Serra - MT, cidade e seus problemas ambientais, ensino de Geografia, Interdisciplinaridade Poética, urbanização e problemas sociais urbanos. Leituras de Paisagens Urbanas, tema pelo qual se doutorou em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia no dia 23 de abril de 2013. É poeta que acredita nas palavras transformadoras de homens e de espaços. Possui uma página no Recanto das Letras onde publica seus textos poéticos, entre outros. É membro da Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense, coautor do Hino Oficial de Rondonópolis - MT. Possui vários artigos publicados em eventos e Revistas Científicas, além de 12 livros editados. É membro pesquisador do NURBA.

Recebido para publicação em 07 de junho de 2017.

Aceito para publicação em 07 de dezembro de 2017.

Publicado em 18 de dezembro de 2017.